



MUHATU E A VIRADA DO SPOKEN WORD EM ANGOLA

MUHATU AND THE TRANSFORMATION OF SPOKEN WORD IN ANGOLA

MUHATU Y LA TRANSFORMACIÓN DEL SPOKEN WORD EN ANGOLA

Miriane Peregrino¹

RESUMO:

Na língua kimbundu, a palavra “*muhatu*” significa mulher e foi por isso que a poeta angolana Elisângela Rita usou-a para nomear a primeira competição de *spoken word* feminino que criou em Angola. O concurso “Muhatu, a força da palavra feminina”, teve sua primeira edição em novembro de 2017, reunindo no palco jovens poetas da cidade de Luanda. O grande prêmio das cinco primeiras colocadas foi a participação direta delas no principal concurso de *poetry slam* do país, o *Luanda Slam*, organizado por Elisângela Rita desde 2015, sem terem que passar pelo processo de inscrição e seleção do *Casting*. Rita implementa, assim, um sistema de cotas para garantir e estimular a participação de mulheres poetas nos concursos de poesia falada e com isso provoca uma grande virada na cena literária luandense.

PALAVRAS-CHAVE: *Luanda slam; spoken word; Muhatu, literatura angolana, mulher.*

ABSTRACT:

In the Kimbundu language, the word “muhatu” means woman and that is why the Angolan poet Elisângela Rita used her to name the first female spoken word competition she created in Angola. The contest “Muhatu, a força da voz feminina”, had its first edition in November

¹ Doutora em Ciência da Literatura/Literatura Comparada pela UFRJ. Atualmente, é Pesquisadora Assistente do Departamento de Literatura e Estudos de Mídia da Universidade de Mannheim, Alemanha. Email: miriane.peregrino@gmail.com



2017, bringing together young poets from Luanda city. The grand prize of the top five was their direct participation in the country's leading poetry slam contest, the Luanda Slam, organized by Elisângela Rita since 2015, without having to go through the Casting entry and selection process. Rita thus implements a quota system to guarantee and encourage the participation of female poets in spoken poetry contests and thus causes a major turnaround in the literary scene of the state.

KEYWORDS: Luanda slam; spoken word, Muhatu, angolan literature; woman.

RESUMEN:

En el idioma Kimbundu, la palabra “muhatu” significa mujer y es por eso que la poeta angoleña Elisângela Rita la usó para nombrar la primera competición de spoken word femenino que se creó en Angola. El concurso “Muhatu, el poder de la palabra femenina”, tuvo su primera edición en noviembre de 2017, y reunió a jóvenes poetisas de la ciudad de Luanda. El gran premio de las cinco primeras finalistas fue la participación directa en el principal concurso de poetry slam del país, el Luanda Slam, organizado por Elisângela Rita desde 2015, sin tener que pasar por el proceso de inscripción ni por la selección del Casting. Rita implementa así un sistema de cuotas para garantizar y alentar la participación de mujeres poetisas en concursos de poesía hablada y, por lo tanto, provoca un cambio importante en la escena literaria luandense.

PALABRAS-CLAVE: Luanda Slam; spoken word, Muhatu, literatura angoleña, mujer.

Spoken word: a oralidade africana ressignificada

Dois anos após o final da guerra civil angolana protagonizada pelo partido no poder, o Movimento pela Libertação de Angola (MPLA), e o de oposição, a União Total para a Independência de Angola (UNITA), o jovem *rapper* e produtor cultural Lukeny Bamba Fortunato (1980) regressou a Luanda. Fortunato já tinha passado uma longa temporada fora de Angola, tendo estudado na África do Sul e nos Estados Unidos. Suas experiências musicais nesses países o levaram a introduzir na capital angolana uma cena cultural alternativa de microfone aberto ao estilo das noites de *spoken word* norte-americanas de muita poesia, performance e música, inaugurando o *Artes ao Vivo* na capital angolana em 19 de abril de 2004.

Encontro semanal e gratuito, o *Artes ao Vivo* é o evento mais longo da poesia falada em Angola nessas primeiras décadas do século XXI. A maior parte do tempo ele tem sido realizado nas noites de terças-feiras no Espaço Bahia, um bar-restaurant localizado na Marginal da Baixa de Luanda e, desde 2018, ganhou também o formato de um programa de TV no canal da Televisão

Pública de Angola (TPA2), exibido aos sábados para capital e diversas províncias do país.

Em entrevista no documentário brasileiro *Cartas para Angola* (2011), Lukeny Bamba Fortunato lembrou que, quando deu início ao *Artes ao Vivo*, “as pessoas não estavam acostumadas a recitar” e não acreditavam muito no projeto. Passados quinze anos, é possível identificar o surgimento de outros movimentos literários sob influência do *Artes ao Vivo*, tais como o Movimento Lev'Arte, em 2006, sob organização do escritor e cofundador do *Artes ao Vivo*, Kardo Bestilo, e o Luanda Slam, em 2015, sob organização da poeta e então co-realizadora do *Artes ao Vivo*, Elisângela Rita (1988).

Além disso, é importante observar que o *spoken word* introduzido por Fortunato ressignificou as tradições de poesia oral africana no espaço urbano da capital angolana, colocando a oralidade mais uma vez em destaque, ainda que sob influência de estilo, língua e cultura estrangeiras e novos recursos tecnológicos.

O *spoken word* surgiu como uma forma de declamação artística na década de 1960, nos Estados Unidos, e caracteriza-se pela ênfase na oralidade e na performance, o que coloca sua forma de poesia falada em diálogo com diversos gêneros artísticos para além do literário: as artes plásticas, a música, as artes cênicas. Um de seus principais representantes foi o músico e poeta afro-americano Gil Scott-Heron (1949-2011), cujo poema/canção « *The Revolution will not be televised* » é um dos mais famosos dessa forma de declamação².

A performance do artista angolano Ermildo Panzo, vencedor do concurso *The Spoken Word Project* promovido pelo Goethe Institut de Angola na cidade de Luanda em 2013, também apresenta essas características e os tênues limites entre literatura e teatro. O poeta declama o poema « Nas mãos da guerrilha » com um figurino de soldado e fundo musical³.

The Spoken Word Project ocorreu no Espaço Bahia, pois Lukeny Bamba Fortunato foi convidado pelo Goethe Institut de Angola para acolher, no *Artes ao Vivo*, o concurso promovido pelo governo alemão e que também aconteceria em mais outros sete países africanos (África do Sul, Mali, Costa do Marfim, Quênia, Camarões, Uganda e Madagáscar). Os vencedores da competição foram os poetas angolanos Ermildo Panzo e Elisângela Rita, respectivamente, na primeira e segunda colocações⁴.

Em 2015, a cena da poesia falada em Luanda ganhou novo fôlego com a criação da

2 Cf.: <https://www.youtube.com/watch?v=vwSRqaZGsPw> Acesso em 15.8.2019.

3 Cf.: <https://www.youtube.com/watch?v=0LLPkhuMgEE> Acesso em 15.8.2019.

4 Em 2013, entre dez concorrentes do *The Spoken Word Project*, primeiro concurso de *spoken word* realizado em Angola pelo Goethe Institut (Alemanha), apenas três eram mulheres: Ludmila Tchissola Paixão dos Santos, Elisângela Rita e Katya dos Santos.

primeira competição de *poetry slam* promovida por Elisângela Rita⁵. A iniciativa surgiu após Rita representar Angola no concurso internacional *Rio Poetry Slam* da Festa Literária das Periferias (FLUP), no Brasil. O contato com a competição de *slam* no Brasil deu o impulso necessário para Rita organizar a primeira edição do *Luanda Slam*, no Espaço Bahia, sob o auspício do *Artes ao Vivo*⁶.

Mas a *poetry slam* surgiu nos Estados Unidos. Em 1984, o poeta branco e norte-americano Marc Kelly Smith decidiu agitar as noites de poesia em Chicago, criando uma dinâmica diferente de apresentação poética, uma verdadeira competição de poesia com microfone aberto. O termo *slam* foi tomado emprestado de práticas esportivas como o *beisebol* e remete à ideia de batida. Marc Smith propõe, assim, uma batida de poesia, na qual cada artista tem três minutos para apresentar seu poema, sem adereços, sem acompanhamento musical, diante do público que não apenas assiste, mas julga sua poesia, atribuindo inclusive nota. Todos esses elementos estabelecem um conjunto de normas que por si só já distinguem o *slam* do *spoken word*. E, no caso de Angola, ao contrário do *Artes ao Vivo*, as competições de *slam* têm cobrança de ingresso⁷.

Elisângela Rita tornou-se a primeira angolana a ser uma *slammaster* e uma *slammer*, respectivamente, apresentadora e poeta de *slam*. Mas a experiência da declamação artística, Rita também já trazia dos anos que morou e estudou na África do Sul e nos Estados Unidos, aprimorando-a, mais tarde, como co-realizadora do *Artes ao Vivo*. Em 2017, reconhecendo ser

5 Elisângela Rita nasceu em 1988 em Luanda e é poeta desde a adolescência. Em 2013 começou atuar como artista de *spoken word*. Ganhou o 2.º lugar no concurso de *spoken word Africano The Spoken Word Project 2013* e representou Angola na Festa Literária das Periferias do Rio de Janeiro - FLUP e no Festival Internacional de Artes de Harare - HIFA, ambos em 2015. Fez atuação (voz) no filme angolano *Independência*. É curadora e produtora do *Luanda Slam* - competição de *spoken word* em Angola, já com quatro edições realizadas - 2015, 2016, 2017 e 2018. Em 2017, realizou o primeiro concurso de *Spoken Word Feminino* de Angola, *MUHATU*. É Embaixadora para Angola e responsável pela comunicação na Copa Africana de Poesia *Spoken Word* - ACSP. Foi oradora no Tedx Luanda 2014 e lançou o seu primeiro livro de poesia *Coração Achado*, publicado em Angola e Portugal, em 2015. Tem poemas publicados na antologia feminina *O Canto da Kianda*, organizado pelo *Movimento Lev'Arte*. Foi membro da associação *Artes ao Vivo*, que realiza semanalmente eventos de microfone aberto para poesia e palavra falada, para a qual foi nomeada apresentadora dos eventos de 2014-2016. É cofundadora da Casa Rede, em Luanda, fundada em 2019 com artistas angolanos e brasileiros. É formada em Direito pela Universidade de Pretória, na África do Sul, e tem Mestrado na área de Relações Internacionais realizado nos Estados Unidos.

6 Na edição do ano seguinte, o *Luanda Slam* aparece como realizador independente da competição. Todo mapeamento e discussão em torno da cena do *spoken word* e da *poetry slam* em Angola estão na tese de doutorado *Luanda Slam: a literatura angolana fora da página*, por nós defendida em setembro de 2019, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

7 Os cartazes das atuais competições de Angola – *Luanda Slam*, *Muhatu*, *Slam Tundavala* – apontam que os preços dos ingressos têm variado a cada edição, bem como a presença de produtoras culturais, como Kwatas & Koolies, Art Sem Letra e Aláfia. O prêmio dos primeiros colocados também tem variado. No *Muhatu* 2017, a vencedora ganhou um diploma, mas, no de 2018, o prêmio foi representar Angola no *Rio Poetry Slam* da Festa Literária das Periferias, no Brasil. Em 2019, pela primeira vez, a premiação do *Muhatu* foi em dinheiro. A primeira colocada recebeu prêmio no valor de 50 mil Kwanzas na edição deste ano concedido através do apoio do espaço cultural Ubuntu. (Cf.: PEREGRINO, 2019).

uma das poucas mulheres a protagonizar a cena literária luandense, Rita decidiu criar o primeiro concurso de poesia falada exclusivamente feminino: o *Muhatu*. que, na língua *kimbunbu*, uma das línguas nacionais de Angola, significa «mulher».



Muhatu e o novo sistema de ingresso para o Luanda Slam

Entre os 14 concorrentes da 1ª edição do *Luanda Slam* apenas dois eram mulheres: Yoneli Perez (Cynthia Perez) e Bel Neto. No ano seguinte, o número caiu para apenas uma mulher, Bel Neto que, mesmo diante do quadro tão desigual e desfavorável, conquistou o 3º. lugar da competição de 2016.

Insatisfeita com a baixa participação de mulheres no *Luanda Slam*, Rita realizou o primeiro concurso de *spoken word* feminino, *Muhatu*, em novembro de 2017, e estabeleceu um sistema que podemos aqui denominar de «cotas para promoção da igualdade de gênero» nas competições de poesia falada em Luanda. A exemplo dos sistemas de cotas sociais e raciais criados no Brasil nas últimas décadas, o sistema de cotas para promoção da igualdade de gênero estabelecido por Rita promoveu o acesso direto das cinco primeiras colocadas no *Muhatu*, na competição do *Luanda Slam* que ocorreria no mês seguinte daquele mesmo ano. O resultado foi uma expressiva virada na cena competitiva do *Luanda Slam* a partir de 2017.

Na 2ª. edição do *Luanda Slam*, os três primeiros colocados da edição anterior garantiram, automaticamente, sua vaga para a edição do ano seguinte. Já os demais concorrentes haviam realizado inscrição para as vagas remanescentes e passado por uma eliminatória chamada *Casting*. Com a criação do sistema de cotas para promoção da igualdade de gênero via *Muhatu*, as vagas do *Casting* foram reduzidas em 2017, ou seja, caíram de treze para oito vagas de ampla concorrência. Assim, em 2017, dentre os 16 concorrentes da 3ª. edição do *Luanda Slam*, nove eram mulheres e sete homens. O quadro a seguir ilustra as formas de ingresso na competição de 2017:

Formas de ingresso no Luanda Slam 2017		
DESCRIÇÃO	MULHERES	HOMENS
Automaticamente classificados por sua colocação no <i>Luanda Slam 2016</i>	1 (Bel Neto)	2 (António Paciência e Pedro Belgio)
Automaticamente classificadas por suas colocações no <i>Muhatu 2017</i>	5 (Ana Paula, Érica, Djola, Nadine e Isvânia)	0 (Não se aplica)
Classificados pelo <i>Casting do Luanda Slam 2017</i>	3 (Aneth, Irene e Luana)	5 (Bona, Ednilson, Fábio, Fernando, William)

A participação de mulheres poetas no *Casting* para o *Luanda Slam* de 2017 também alcançou um número inédito: três candidatas aprovadas. Três jovens artistas que haviam participado do *Muhatu* e que, embora não tivessem alcançado as primeiras posições no concurso feminino, se sentiram motivadas a se inscreverem para o *Casting* do *Luanda Slam* daquele ano. Diante dos números irrisórios de participação de mulheres nas competições do *Luanda Slam* em 2015 e 2016, podemos afirmar que o *Muhatu* proporcionou uma grande virada, não só na competição de 2017, mas na cena literária angolana a partir de então.

Luanda Slam (2015-2018): quadro geral								
Formas de ingresso	2015*		2016		2017		2018	
	Mulheres	homens	mulheres	homens	mulheres	homens	mulheres	homens
Automaticamente classificados por suas colocações no <i>Luanda Slam</i> do ano anterior	2	12	0	3	1	2	1	2
Automaticamente classificadas por suas colocações no <i>Muhatu</i> do ano anterior	*Não encontramos registros sobre a forma de ingresso dos 14 concorrentes da 1ª edição.		X	X	5	0	3	0
Selecionados por <i>Casting</i>			1	12	3	5	4	6
Distribuição de gênero por competição								
Total por ano de competição	2015		2016		2017		2018	
	Mulheres	homens	mulheres	homens	mulheres	homens	mulheres	homens
	2	12	1	14	9	7	8	8
2015 a 2018								
Total de todas as competições	Mulheres				Homens			
	20				41			

No quadro acima, fica evidente a importância do *Muhatu* para que as mulheres poetas pudessem também acessar o *Luanda Slam*. Importante destacar que a definição de gênero nessas competições está, até o momento, marcada pelo sexo biológico das e dos *slammers* e, por isso, aqui aparece simplificada nas categorias mulheres e homens.

Através do *Muhatu*, Elisângela Rita conseguiu estabelecer um equilíbrio entre mulheres e homens nas próximas competições. Mesmo assim, olhando o quadro geral, a participação masculina continua sendo o dobro da feminina (41 x 20), pelo menos até 2018. Esse é um dado relevante para pensarmos a construção deste espaço literário, como ele se configura e que estratégias as próprias mulheres vão estabelecendo para se inserirem nas competições de *poetry slam* e *spoken word* em Angola.

Devido ao nosso intercâmbio de doutorado na Universidade Agostinho Neto, em Angola, entre 2017 e 2018, tivemos a oportunidade de assistir a algumas dessas competições em Luanda, bem como entrevistar *slammers* e realizadores do *Luanda Slam* e *Muhatu*, Elisângela Rita, e do *Artes ao Vivo*, Lukeny Bamba Fortunato.

Durante as entrevistas, a maioria dos poetas entrevistados revelaram não gostar do sistema implantado por Elisângela Rita, não considerando-o necessário, defendendo que as mulheres deveriam se preparar mais para o *Casting* como, eles afirmaram, faziam os homens. Neste momento, lembrava os números da participação de mulheres nas competições do *Luanda Slam* 2015 e 2016 e perguntava o que teria desencadeado a baixíssima participação feminina dos anos anteriores ao *Muhatu*. Ao que a maioria dos poetas não sabia o que responder e alguns balançaram a cabeça sinalizando que, embora a contragosto, era preciso admitir que o *Muhatu* tinha provocado mudanças significativas.

Foram entrevistadas 14 das 17 *slammers* que participaram da 1ª. edição do *Muhatu* em 2017. Todas entrevistadas apontaram o primeiro concurso *Muhatu* como um espaço de irmandade e não de competição. Muitas repetiram que não estavam preocupadas em ganhar e estavam satisfeitas com o resultado⁸. Quanto à escassa participação feminina nos eventos de *spoken word*, as poetas apontaram o horário das atividades (noturnas) e a falta de transporte para voltar para casa como principais impeditivos tanto para o exercício da declamação em eventos semanais, como o *Artes ao Vivo*, quanto para competições como o *Luanda Slam*. Tais aspectos apontam o lugar de classe social e econômica de muitas das poetas que ou não podiam sair à noite sozinhas por serem muito jovens e/ou não podiam porque não tinham veículo próprio e/ou

⁸ A vencedora do primeiro concurso de poesia feminina em Angola foi Ana Paula Lisboa, escritora afro-brasileira que reside atualmente em Luanda. Em 2018, a vencedora da edição foi Luana Bartholomeu de nacionalidade brasileira e angolana. Já na edição de outubro de 2019, a vencedora da competição foi a angolana Nzola Kuzedíua. O *Muhatu* foi o segundo título conquistado por Nzola este ano já que em agosto de 2019 ela ficou em primeiro lugar na 2ª edição do Slam Tundawala - competição mista de *poetry slam* (homens e mulheres).

companhia masculina (irmão, namorado, marido) que pudessem acompanhá-las em segurança. Importante destacar que o serviço de transporte em Luanda é escasso e caro. Há pouquíssimos ônibus e de itinerário e horários de circulação muito específicos. Os serviços de táxi são caríssimos e o candongueiro (similar às vans e kombis brasileiras) são pouco seguros para mulheres à noite. Todos esses aspectos prejudicam a circulação das mulheres, especialmente, as que vivem distante do centro da cidade, onde ocorre a grande maioria dos eventos culturais e literários. Dessa forma, as mulheres angolanas que podem circular e participar na cena literária luandense fazem parte de um grupo mais privilegiado senão economicamente, socialmente.

Em entrevista realizada com Elisângela Rita em janeiro de 2018, a *slammaster* também apontou esses pontos e afirmou ter organizado caronas e meios de deixar as participantes em casa para garantir suas presenças no primeiro concurso Muhatu. Mas ela também destacou a falta de incentivo à participação feminina aos palcos, o que gerava pouca autoconfiança, como um dos impeditivos. Um concurso voltado só para as mulheres acabou por construir uma rede de apoio e empoderamento feminino.

Entre junho e julho de 2018, a produção do *Muhatu* reuniu os depoimentos das participantes da 1ª edição do *Muhatu* na página do facebook *Muhatu Spoken*⁹ e, dentre eles, destacamos, a seguir, os que reafirmam o lugar de empoderamento da poesia feminina angolana nos palcos luandenses:

Foi a minha primeira vez no palco como apresentação. Eu já escrevia, mas a minha escrita era caracterizada prioritariamente pela prosa, eu não tinha experimentado outros gêneros até então. Depois do *Muhatu* muita coisa mudou, (...) eu escrevia e sabia que tinha jeito para alguma coisa, mas não sabia exatamente o que era. Agora eu sei. **Nadine Morais**

O *Muhatu* foi o primeiro espaço criado específico para mulheres da minha geração e isso é formidável quando maioritariamente se viam eventos em que os homens participavam e dominavam. É importante que as mulheres angolanas sintam-se acolhidas, sintam que podem sonhar e materializar seus sonhos. **Márida Santana**

Toda mulher deveria se reunir com outras mulheres de vez em quando... As energias e sinergias partilhadas entre as concorrentes do *Muhatu* despertam a mente e essência do ser da mulher. Estar no *Muhatu* me fez repensar em que mulher eu sou e que mulher quero ser. **Delmira Dinis**

Foi super fixe a ideia de partilhar o palco com muitas mulheres, porque éramos poucas a declamar e as poucas que conheço não eram *slammers*. Para mim o mais importante foi que, graças ao *Muhatu*, artistas como Nadine Morais,

Érica Viegas e tantas outras têm mostrado ao mundo que as mulheres têm voz e muitas coisas a dizer, que as mulheres não foram apenas feitas para casar, cuidar do marido e dos filhos. **Djola Guise**

Estar no palco foi uma sensação incrível, senti-me iluminada e equilibrada durante o evento! Eu acredito fielmente na importância do *Muhatu* porque é a guerrilha cor de rosa em acção, ou seja, é um momento único em que mulheres unem-se para dar voz aos seus pensamentos, sejam eles geniais ou super, hiper, mega geniais!!! É um encontro de gênios no feminino... **Érica Viegas (Sankofa)**

Hoje eu tenho amizade com muitas das *Muhatu* que participaram do concurso comigo e aquilo não foi um desafio, foi uma troca de experiência entre mulheres que recitavam textos na base da amizade. O *Muhatu* me fez crescer muito como mulher, ver a forma como outras mulheres estruturavam seus textos e declamavam sobre suas vidas, dizer coisas pessoais sem medo fez com que eu ganhasse desenvoltura na minha forma de escrita. **Isvânia Morázia**

MUHATU 2017: artistas inscritas		
Nacionalidade	Nome (ordem alfabética)	Forma de ingresso
Brasileira	Ana Paula Lisboa	Por se tratar da 1ª edição do concurso, houve inscrição. Algumas candidatas afirmaram ter sido convidadas a se inscreverem ou pela Elisângela Rita ou pelo António Paciência, um dos sócios da <i>Kwatas & Koolies</i> , produtora cultural angolana responsável pela produção do evento em 2017. Uma das concorrentes, Djola Guise, também é sócia das <i>Kwatas & Koolies</i> .
Angolana	Aneth Silva	
Angolana	Claudia Perez	
Angolana	Clenia Gigi (Jaliya The Bird)	
Angolana	Delmira Dinis	
Angolana	Dja Ferreira (Djamila Ferreira)	
Angolana	Djola Guise	
Angolana	Érica Viegas	
Angolana	Irene A'mosi	
Angolana	Isvânia Campos	
Brasileira/Angolana	Luana Bartholomeu	
Angolana	Kisha Kipito	
Angolana	Maria Morena	
Angolana	Márida Santana	
Angolana	Nadine Morais	
Angolana	Sheila Ramirez	
Angolana	<i>Spoken Word</i> (Miriam)	

⁹ Cf.: <https://www.facebook.com/muhatuspoken/> Acesso em 12 de agosto de 2018.

Muhatu 2017: dados gerais		
Slammaster	Elisângela Rita	
Slammers	17 concorrentes	
Edição	1ª edição	
Data	08 de novembro de 2017	
Local	LASSP – Ex Liga Africana	
Ingresso	500,00 kz	
Realização	Luanda Slam (Elisângela Rita) Kwatas & Koolies (produtora cultural angolana)	
Patrocínio	Não consta no cartaz	
Apoio	Não consta no cartaz	
Júri	10 jurados da plateia, escolhidos aleatoriamente	
Prêmio	diploma para a primeira colocada.	
Três primeiras colocadas		
1º	Ana Paula Lisboa	OBS.: As cinco primeiras colocadas foram automaticamente classificadas para participarem do <i>Luanda Slam</i> daquele ano.
2º	Érica Viegas (Sankofa)	
3º	Djola Guise - Kwatas & Koolies	
4º	Nadine Morais	
5º	Isvânia Campos	

A força da palavra feminina

Em entrevista recente ao site moçambicano *Literatas*, Elisângela Rita lembrou que antes de ser artista é uma mulher e isso marca não apenas seu trabalho, mas também as formas como o público a recepciona: «Eu sou mulher antes de ser artista. Quando me posiciono no mundo me posiciono como mulher e por isso tudo o que produzo e faço vem revestido da minha experiência de mulher» - afirmou Rita - «Mesmo que eu não quisesse, quando entro num espaço, as pessoas não vêm um profissional, um artista, vêm uma mulher». Ao longo da entrevista, Rita afirma que as mulheres são sempre «julgadas» e «catalogadas» e por isso busca, através da sua arte e produção cultural, estimular questionamentos e provocar reflexões: «Tento aproveitar a minha visão do mundo de mulher artista para transmitir a minha mensagem da melhor forma (...) enquanto sugiro mudança». (*LITERATAS*, entrevista E. RITA, 2019).

Dessa maneira, a promoção da igualdade de gênero nas competições de poesia falada em Angola também colocou em evidência «a força da palavra feminina» nos temas apresentados a partir da visão de mundo, dos desejos e anseios de jovens mulheres artistas.

Durante as entrevistas que realizamos com as *slammers*, algumas destacaram as vaias de parte da plateia sempre que o poema declamado na 1ª edição do *Muhatu* denunciava o machismo e as condições da mulher na sociedade angolana dos dias de hoje. Entre os *slammers*

entrevistados, alguns afirmaram que os temas das colegas eram repetitivos, sem levar em conta que eles próprios muitas vezes se repetem, principalmente, quando tomam a mulher como tema de seus versos.

Em matéria do site *Mbenga Artes e Reflexões*, a escritora moçambicana Hirondina Joshua perguntou ao escritor e crítico literário angolano, Hélder Simbad, como a mulher é retratada na literatura angolana e Simbad afirmou que, na maioria dos movimentos literários de sua geração, ela continua sendo descrita pelos homens, ora pelo erotismo e hipersexualização, ora pelo imaginário de mulher popular como a zungueira, mas é no *spoken word* que a própria mulher tem combatido esses estereótipos:

A mulher, vista pelos poetas de sexo masculino, continua a ser um objecto estético e é tematizada sob diferentes prismas: erotismo, hipersexualização, fenómeno zungueira, mãe, causadora de traumas etc. Do lado das próprias mulheres, estando em voga o feminismo, a atitude é, como é óbvio e muitas vezes justa, de reivindicação social, emancipação e outros assuntos atinentes. Por outro lado, essa hipersexualização da mulher, que criticamos de forma implícita ao nos dirigirmos aos homens, é reforçada pela própria mulher, principalmente no discurso *spoken word*. (*MBENGA*. Entrevista H. SIMBAD, 2019)

Dentro do atual cenário da literatura angolana, é no movimento do *spoken word* que verificamos a livre expressão de muitas jovens poetisas de Angola. Destacamos a seguir alguns trechos dos poemas de Nadine Morais, uma das competidoras do *Muhatu* 2017:

Em 20 anos de existência (...)

A nossa sociedade incute sobre as mulheres desde cedo um senso de responsabilidade, prudência e moralidade, exigem que sejamos bonitas, formosas e principalmente educadas, a educação lá de casa consiste sobre estar bem sentada, passar uma base na cara, deixar a roupa engomada e a comida preparada... Quem nos ensina ou nos motiva a sonhar? Para além do sistema normativo que nos agride? Mata! Mutila! E tenta apagar!

Querem que sejamos donas de casa. Esposas recatadas Mães, submissas e escravas. As tais ditas blindadas.

Eu *not*, como dizem na banda, *tamu* a dar na cara, dessa gente preconceituosa, nossa liberdade incômoda e olhem bem para a minha cara de safoda? Quem somos nós? As ovelhas da matilha, as autênticas perdidas, carentes da luz divina, frustradas mal, amadas e mal comidas.

Quem somos nós? As rebeldes incorrigíveis, entre madres, putas... eternas

filhas da luta, por uma sociedade mais justa, onde se possa usar saia curta sem que nenhum moralista nos arranque a dignidade a rédias curtas.

Quem nós somos? Eternas filhas da luta por uma sociedade mais justa, onde tenhamos as mesmas oportunidades que esses filhos... também da luta!
(MORAIS, poesia falada)

A prosa poética de Nadine traz as reflexões de uma jovem com 20 anos de existência que não quer seguir o padrão esperado para uma mulher angolana e usa a palavra inglesa *not* para colocar em evidência sua recusa. As últimas linhas revelam não só a reivindicação de igualdade, mas o reconhecimento dela ao apontar que as mulheres «filhas da luta» precisam ter as mesmas oportunidades que os homens «também filhos da luta».

Nadine Morais é estudante de Sociologia da Universidade Agostinho Neto e sua primeira apresentação aconteceu no *Muhatu 2017*. Por ter ficado entre as cinco primeiras colocadas foi automaticamente classificada para o *Luanda Slam* daquele ano. Como a maioria das *slammers* angolanas, Nadine ainda não ganhou nenhum prêmio. Em 2018, ela passou a integrar o coletivo organizado por Lukeny Bamba Fortunato, *Corrente de Spoken Word*, e o *Artes ao vivo* na Televisão Pública de Angola (TPA). Participou também de alguns eventos por nós organizado no âmbito da programação do Centro Cultural do Brasil em Angola (CCBA): *Slam Grande Encontro*, *Slam na Rua*, *Slam Mulheres de Angola* e outros.

O texto reflexivo e provocativo de Nadine Morais, aqui apresentado, é uma mostra da inquietação de muitas poetisas de sua geração. Infelizmente, a maioria desses textos não estão publicados nem em livro e nem nas redes sociais, ficando difícil acessá-los senão presencialmente, nos eventos de *slam* e *spoken word*. As passagens acima foram cedidas pela própria artista. Em outro poema, Morais traz várias expressões em *kimbundu* que fazem parte do vocabulário luandense e discute a situação política de seu país:

Angola, Angola já não é só *kitota*¹⁰. Angola é aquela puta explorada que anseia ser madame Angola é a *zungueira*¹¹ que exige pão na boca dos monamis. Angola é *yetu mu dieyetu - kamba diame*¹²... Viste como?

Oh país da Maravilha! Aqui não há pecado, a fantasia reside sobre o contraste desleal da realidade. (MORAIS, poesia falada)

Embora possamos localizar outros eventos de poesia falada ou tradicional que já tinham sido realizados no sentido de reunir mulheres poetisas em Angola, é o concurso de *spoken word* Muhatu que provoca uma virada na cena da declamação na cidade de Luanda, atuando no

10 Kitota significa guerra, confusão.

11 zungueiras são vendedoras ambulantes em Luanda.

12 Yetu mu dieyetu significa “Entre Nós”. É uma canção de Kamba Diame, cantor angolano, cujo nome significa “amigo Diame”.

sentido da promoção da igualdade de gênero e instigando as participantes a apresentarem e representarem as mulheres em suas narrativas.

Mas é preciso destacar outro nome pioneiro do *spoken word* angolano que não estava no *Muhatu 2017*: Bel Neto (1986-). É preciso lembrar que por ocasião da 1ª. edição do *Muhatu*, em novembro de 2017, essa importante *slammer* angolana esteve fora da competição. Bel Neto, única poeta a participar de todas as edições do *Luanda Slam*, tinha alcançado o 3º. lugar no *Luanda Slam 2016* e estava, por ocasião do *Muhatu*, representando Angola no *Rio Poetry Slam*, competição organizada pela Festa Literária das Periferias (FLUP) no Brasil. Naquele mês de novembro de 2017, Bel Neto voltaria para casa com o 3º. lugar da competição internacional realizada pela FLUP na favela do Vidigal, zona sul do Rio de Janeiro. Em 2018, ela também foi a representante de Angola na *Copa Africana de Poetry Slam* (CASP). A contestação, as reivindicações, as provocações que agora são possíveis de assistirmos em coro nas declamações das *Muhatu* eram, antes, realizadas por Bel Neto, uma voz feminina praticamente sozinha na cena do *spoken word* de então. Artista pioneira da cena literária angolana, Bel Neto é chamada de «Mãe grande» e «madrinha» pelas jovens poetisas, em especial, pelas jovens *slammers* que criaram o coletivo *Forno Feminino*, em março de 2019.

Conclusão

A criação do *Muhatu* estimulou a participação de mais mulheres poetisas nos palcos da cidade de Luanda e com isso provocou uma virada na cena do *spoken word* angolano que era, até então, predominantemente masculina. Tanto o *Muhatu 2017* e, certamente, a expansão do *Artes ao Vivo* na TPA2 estimularam que mais jovens se interessassem pelo *spoken word* e isso é visível nos novos nomes das concorrentes que apareceram nas competições de 2018: a 2ª. e a 3ª. edição do *Muhatu* realizadas em 2018 e 2019; a 1ª. e a 2ª. edição do *Slam Tundavala* organizado pela produtora *Art Sem Letra* em 2018 e 2019; e na 3ª. edição do *Luanda Slam* realizado por Elisângela Rita em dezembro de 2018.

Mas a primeira mulher nascida e criada em Angola a conquistar o primeiro lugar em uma competição de *spoken word* foi Nzola Kuzedíua (Antónia dos Santos) na 2ª. edição do *Slam Tundavala* realizada em 8 de agosto de 2019. Nzola escrevia versos e acompanhava o *Artes ao Vivo* na TPA2 antes de ir ao evento semanal no Espaço Bahia. Ali, depois da primeira declamação, inscreveu-se para o *Casting* do *Luanda Slam 2018* e ficou em 5º. lugar. Desse encontro com a poesia falada, criou com as *slammers* Miss Ruffo, Irene A’mosi, Isvânia Campos, Adolfina da Cruz (Poetisa Lua), Isy-Sil, Gizele Costa (Poetisa Cacau), África Gomes e Lúcia Gerlú, o Coletivo *Forno Feminino* em março de 2019, primeiro coletivo de mulheres no *spoken word* em Angola.

As fornásticas Nzola, Irene e Adolfina foram as três primeiras colocadas da 3ª. Edição do *Muhatu* realizada em 31 de outubro de 2019, o que as classificou automaticamente para o *Luanda Slam* deste ano. Até o momento, a melhor colocação feminina no *Luanda Slam* foi a da poeta Sankofa (Érica Viegas) que conquistou o segundo lugar na competição de 2018. Sankofa também participou das duas edições do *Slam Mulheres de Angola* realizada por nós no Centro Cultural do Brasil em Angola (CCBA) naquele ano.

Assistimos, hoje, a um crescente movimento de mulheres no palco, criando também novos espaços de atuação e fortalecendo a palavra *Muhatu* dentro e fora da cena do *spoken word* angolano.

Muhatu é mulher.

Referências:

ANDRADE, Costa. *Poesia com armas*. Lisboa: Sá da Costa, 1977.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o *Poetry Slam* entra em cena. *Synergies Brésil*, n. 9, 2011, pp.119-126.

LÁZARO, Gilson & SILVA, Osvaldo. *Hip-hop em Angola: o rap de intervenção social*. Caderno de Estudos Africanos da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2016.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2003.

LITERATAS. Entrevista Elisângela Rita. Julho 2019. Disponível em: <http://literatasmz.org/post-detail/5109>. Acesso em 24 set 2019.

MBENGA ARTES E REFLEXÕES, entrevista Hélder Simbad. Julho 2019. Disponível em: <https://mbenga.co.mz/blog/2019/06/12/moderna-literatura-angolana-com-helder-simbad/>. Acesso em 24 set 2019.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

PADILHA, Laura Cavalcante. Sobre mulheres, cânones, silêncios e enfrentamentos. *Revista Diadorim / UFRJ*. V. 11, Julho 2012. <http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>. Acesso: 02 set 2019.

PEREGRINO, Miriane. *Luanda Slam: a literatura angolana fora da página*. Tese de Doutorado em Ciência da Literatura digitalizada. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019. 241 f.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. A poesia angolana pós-independência: tendências e impasses. *Revista Veredas* da Associação Internacional de Lusitanistas, 2006. <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/155> Acesso: 24 set 2019.

SIMBAD, Helder. Do *Spoken Word* ao conceito de poesia dita. *Jornal de Cultura*. 24 jun 2016. Disponível em: <http://jornalcultura.sapo.ao/letras/do-spoken-word-ao-conceito-de-poesia-dita/fotos>. Acesso: 24 set 2019.

Filmografia:

CARTAS para Angola. Direção de Coraci Ruiz e Júlio Matos. São Paulo: Laboratório Cisco, 2011. (75 min).

SLAM: Voz de Levante. Direção de Tatiana Lohmann e Roberta Estrela D'Alva. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2017. (104 min).

HIP-HOP Evolution (Temporada 1-2). HBO Canadá/Netflix [Seriado]. Direção: Darby Wheeler, Canadá: Banger Films, 2016/2018.